



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Linguística e Literatura

Curso de Licenciatura em Literatura Moçambicana

A Representação da Identidade Cultural Moçambicana em Neyma Alfredo

Ensaio

Candidata: **Célia Zacarias Simango**

Supervisores :

Prof^a Doutora Lurdes Rodrigues da Silva

Mestre Abudo Machude

Maputo, Outubro 2024

DECLARAÇÃO

Declaro que este ensaio nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que ele constitui o resultado do meu labor individual.

Célia Zacarias Simango

A Representação da Identidade Cultural Moçambicana em Neyma Alfredo

Ensaio apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Literatura Moçambicana, no departamento de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Eduardo Mondlane.

Candidata: Célia Zacarias Simango

Supervisores :

Prof^a Doutora Lurdes Rodrigues da Silva

Mestre Abudo Machude

DECLARAÇÃO

Declaro que este ensaio nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que ele constitui o resultado do meu labor individual. Este ensaio é apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Literatura Moçambicana, no Departamento de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Eduardo Mondlane.

Maputo, 15 de Outubro de 2024

Célia Zacarias Simango

Dedicatória

Dedico ao senhor bom Deus e aos padres Jocondo (em memória), José Luís e André, que nos tempos difíceis deram-me forças para seguir em frente.

Aos meus pais Zacarias Simango e Fátima Jorge Mugadui, que suportaram todas as dificuldades incansavelmente, na chuva e no sol do comércio, para custear os meus estudos;

A todos que contribuíram significativamente para o meu sucesso.

Agradecimentos

Agradeço à Deus pelo dom da vida, por sempre me vigiar e acompanhar em todos os passos desta e de outras caminhadas da vida, sem nunca de mim desistir.

Para a realização deste trabalho foi possível através dos meus supervisores Prof^a Doutora Lurdes Rodrigues da Silva e ao mestre Abudo Machude, pela abertura que tiveram em aceitar supervisionar este trabalho, sobretudo, pelo apoio, pela paciência, pelas críticas, sugestões, feitas durante a elaboração do trabalho.

Aos meus pais Zacarias Simango e Fátima Jorge Mugadui que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me ao longo de toda trajectória académica.

Agradeço também aos meus irmãos, Cláudia simango, Georjina da Luísa simango, Elias Simango e ao Joaquim Zindoga pela força e pelo apoio financeiro nas horas críticas.

As minhas amigas e companheiros Vânia Raivoso, Sónia Uane, Márcia zaqueu, Satuma Álvaro, Carmélia cossa que sempre deram a sua melhor motivação nos momentos difíceis.

As minhas colegas de formação Márcia Muianga, yolanda pereira, yolanda Mate, pelo companheirismo e troca de ideias durante o percurso estudantil e aos meus condiscípulos do curso.

Por último, agradeço a todos cujos nomes não foram feitos menção.

Índice

1.Introdução	2
2. Definições de alguns conceitos-chave	8
2.1. A Cultura.....	8
2.2. Identidade cultural	9
2.3 A representação da identidade cultural	10
2.4 A tradição.....	11
3. A Representação da Identidade Cultural Moçambicana em Neyma Alfredo	11
3.1 A representação da identidade cultural moçambicana através da língua local	12
3.2 A Representação da identidade cultural Moçambicana através do ritmo musical.....	14
3.3. A representação da identidade cultural moçambicana através da capulana.....	16
4. Conclusão.....	19
4.1.Recomendações.....	19
5.Referências Bibliográficas	20
Anexos:	7

1.Introdução

O presente trabalho cujo tema é “*A Representação da Identidade Cultural Moçambicana em Neyma Alfredo*” enquadra-se na culminação do curso de Licenciatura em Literatura Moçambicana, no campo da Literatura oral.

O interesse e a aspiração para a realização desta pesquisa surge no âmbito das disciplinas de Literatura em Línguas Bantu e Literatura e Outras Artes, quando relacionávamos literatura e música, literatura e dança, literatura e cinema, enfim, a literatura sendo unidade universal que dialoga com outras formas de expressões artísticas, para ampliar a mente, enriquecer a utopia através da língua enquanto instrumento de interacção social. — Na tradição musical, o continente tem muito em comum — o fato da música ser transmitida auditivamente.

Este trabalho tem como objectivo compreender como é representada a identidade cultural moçambicana na música de Neyma Alfredo. Especificamente, identifica, analisa e interpreta a representação da identidade moçambicana nas três canções, nomeadamente: “Anima marrabenta”, “a hidzimeni” e “mutxado”. O motivo pelo qual resolvemos fazer este estudo tem a ver com facto de encontrarmos nessa artista musical um olhar crítico perante a sociedade no que concerne ao casamento, ao trabalho e produção agrícola e promoção da imagem da mulher moçambicana. Neste contexto, esperamos que contribua para a literatura moçambicana, concretamente no campo da oralidade e suscite a realização de mais trabalhos investigativos no que se refere ao estudo das canções.

O estudo pretende responder à seguinte questão: como é representada a identidade cultural moçambicana em Neyma Alfredo?

Como resposta, avançamos com os seguintes argumentos: em Neyma Alfredo, a identidade cultural moçambicana manifesta-se a partir de determinados traços culturais, tais como a língua local usada nas canções, o ritmo musical e a capulana em representação da identidade cultural moçambicana.

O presente ensaio está estruturado da seguinte maneira: na primeira parte trata-se da introdução, na qual apresenta-se a motivação, os objectivos, a contribuição e o problema; a segunda ocupa-se na apresentação dos conceitos-chave, que contextualizam o nosso assunto e

apresentam a análise dos nossos argumentos; na terceira apresentaremos a conclusão e as recomendações e, por último, as referências bibliográficas e os anexos.

2. Definições de alguns conceitos-chave

Neste ponto, antes do assunto de pesquisa, queremos apresentar de forma sucinta alguns conceitos importantes para o valor deste ensaio e justificar a relação que se estabelece com as canções em estudo: **acultura, a identidade cultural, a representação da identidade cultural moçambicana e a tradição.**

2.1. A Cultura

De acordo com Chaui (2000), na época clássica a Cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e refinamento das qualidades naturais (carácter, índole, temperamento). Isto é a lapidação da natureza humana pela educação no sentido mais amplo.

Mas a partir do século XVIII, Cultura passa a significar **os** resultados daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, acções e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado. Nesta segunda acepção, segundo a autora, a cultura passou a significar, em primeiro lugar, as obras humanas que se exprimem numa civilização, mas, em segundo lugar, passou a significar a relação que os humanos, socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros humanos e com a Natureza, relações que se transformam e variam. (op. Cit).

Segundo Rodrigues (2006), a cultura é entendida como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social, faz-se presente no modo de vida, seja qual for a pertença étnica e ao mesmo tempo em que norteia o comportamento humano. A cultura também incorpora transformações adivinhas da interculturalidade. Desta maneira, podemos afirmar que toda a vida colectiva quanto privada, originalmente das relações dos indivíduos e dos grupos sociais, regulam essas transformações.

Nas definições do que é cultura, Chauí enfatiza vários aspectos. Por um lado, a cultura é processo de educação e criação da identidade social de um indivíduo, por outro, ela define-se enquanto natureza gregária do Homem. Na acepção de Rodrigues, a cultura é um sistema de regras que regulam o comportamento humano.

Neste ensaio, acolhemos as ideias de Chauí por ser mais relacionada ao nosso estudo, e, depreendemos a cultura como o processo de civilização, mas também a forma de pensar, agir do Homem em relação a natureza, os seus semelhantes, incluindo a linguagem que o homem usa para partilhar ideias, valores, crenças e conhecimentos com os seus para garantir a sua sobrevivência. É no uso criativo da língua que se cria a arte, a literatura, a música, em fim, a marabenta.

2.2. Identidade cultural

De acordo com Hall (1992), identidade cultural refere-se ao sentido de pertença a um grupo específico, baseado em várias categorias culturais, inclusive a nacionalidade, etnicidade, raça, género, religião, entre outros. Diz respeito às vivências concretas de sujeitos, bem como as suas formas de conceber ao mundo, suas particularidades e semelhanças a partir do processo histórico social - por meio da cultura estipula-se regras, cria-se valores e significados, possibilitando assim a intercomunicação dos indivíduos e dos grupos. Desta forma, os sujeitos adoptam aos espaços próprios para produzir e reproduzir cada espécie e de cada grupo, definindo as características próprias e delas dependendo da sobrevivência do grupo.

Castells (2007) que a construção social da identidade se realiza, na maior parte das vezes, num contexto que resulta de relações de poder e que é determinada pelo conteúdo simbólico da mesma identidade. Assim, as origens de construção de identidades são:

(a) Identidade legitimadora, “introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar a sua dominação”; (b) identidade de resistência, “criada por actores que se encontram em posições/condições desvalorizadas pela lógica da dominação” e; (c) identidade de projecto, “quando os actores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade” (Castells, 2007).

Resumindo, a identidade é uma construção e (re) significação social, definida através de vários atributos sociais. A identidade de um povo pode ser vista em actividades tais como: dança, música, gastronomia, teatro, jogos, literatura, filmes etc. Por exemplo, neste trabalho estudamos as marcas identitárias plasmadas em literatura escrita.

Nestas linhas de pensamentos, achamos melhor a conceptualização do autor Stuart Hall, que enfatiza, particularmente, as identidades culturais referenciando as culturas nacionais, em que a nação é uma identidade política, o estado um sistema de representação cultural, a mesma composta de símbolos que fundamentam a constituição de uma identidade nacional. A identidade cultural tem a ver com quem somos enquanto grupo, que a mesma se manifesta a partir de traços que vinculam ao grupo do qual fazemos parte.

2.3 A representação da identidade cultural

De acordo com Sousa (2021) a identidade cultural é a forma como um indivíduo vê o mundo e como se posiciona em relação a ele, tendo que ver com a formação da identidade do sujeito em relação ao seu contexto cultural.

Na concepção de Peganini (s/d), a representação da identidade cultural é uma das formas de manifestar a cultura. Portanto, o seu conhecimento faz-se necessário à competência global da língua. A língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos que carregam também a representação da cultura. Nesta perspectiva, o estudo das relações culturais na literatura leva em conta discussão entre texto e contexto. O texto como forma de permanência cultural é, ao mesmo tempo, produzir cultura e o produto da cultura. Como tal expressa as visões de conflitos, que se chocam, num amplo diálogo entre umas e outras. Por isso mesmo que a literatura é uma das dimensões culturais capazes de propiciar condições para o desenvolvimento do indivíduo.

Nesta lógica de ideias, vimo-nos surpreendentes. O pensamento do autor reconfirma o conceito da identidade cultural. A representação da identidade cultural manifesta-se a partir de determinados traços culturais, no campo da pintura, da música, língua, dança, o jeito de vestir, as crenças religiosas, fundindo-se elementos de um povo, enquanto construção de significado e atribuição de sentidos, mediante a utilização de elementos linguísticos.

2.4 A tradição

De acordo com os autores Silva e Silva (2006), a tradição é conjunto de práticas e valores passados de geração em geração, enraizados nos costumes de uma sociedade, como a religião, o parentesco, a comunidade e muito mais.

Na perspectiva de Lubizotto (2010), entende-se por tradição como um conjunto de sistemas simbólicas que são passados de geração em geração e que têm um carácter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a acção que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade - é um elemento intrínseco e inseparável da mesma. Seu carácter repetitivo denota actualização dos esquemas de vida, isto é, a tradição é uma orientação do passado, justamente porque o passado tem força e influência sobre o curso das acções presentes. A tradição também se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é visto como algo distante e separado; ela está directamente ligada a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Ela persiste e (re) modela e (re) inventa cada geração. Assim, pode-se dizer que não há um corte profundo, ruptura ou descontinuidade absoluta entre o passado, o presente e o futuro.

Deste modo, achamos relevante a conceptualização de Luvizotto, que a tradição é uma das formas de dominação da sociedade, crença na santidade das ordens e dos poderes existentes desde sempre. Nesta perspectiva, a tradição deve ser entendida como um campo que envolve um ritual desde o passado até à integridade futura, sendo uma forma de garantir a preservação, baseada em modelos que ordenam estórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização dos actos sociais.

3. A Representação da Identidade Cultural Moçambicana em Neyma Alfredo

Neste ponto, faremos a apresentação dos argumentos que sustentam o problema e objectivo deste ensaio e alguns estudos em torno deles e, posteriormente, serão apresentados os excertos retirados das canções como forma de justificar os argumentos que são tecidos em volta do assunto em causa.

3.1 A representação da identidade cultural moçambicana através da língua local

Na música de Neyma Alfredo encontramos a língua local, changana, que faz a representação da identidade cultural moçambicana. De realçar que a língua local não reside em todas as letras, mas ora vejamos no excerto a seguir:

“teka! teka! teka ! teka!
(levou,levou, levou,levou)
teka! teka! teka!
(Leva, levou, levou,)
khoma! khoma! khoma! khoma!
(pega,pega,pega,pega)"
(Neyma Alfredo, 2012).

Neste excerto retirado da canção intitulada “anima marrabenta”, temos a língua local changana de um grupo étnico Tsonga que habita maioritariamente a sul de Moçambique; a mesma refere-se a um conjunto de elementos que possibilitam a comunicação -em sociedade e nos grupos humanos —, que desenvolvem o mesmo sistema referenciando a tradição sociocultural. Portanto, a língua local na canção traz exclusivamente as realizações humanas que servem para plasmar realidade construída na interacção das pessoas com o meio que elas vivem, tais como a capulana, a guitarra de lata, o tambor como elementos essenciais para dançar Marrabenta Assim, além da canção ser expressa através do ritmo marrabenta, por si só é um tratado que ensina as para a execução da dança.

O eu lírico expressa o “teka! teka! e khoma! Khoma”as palavras são marcadas por ponto de exclamação que indicam emoção, alegria-e as mesmas nos remetem a certos significados na língua portuguesa «leva e pega». Também dá-nos a ideia de assegurar o que é nativo; igualmente faz-se o destaque da identidade cultural, tratando-se de mais uma estratégia para fomentar o respeito e a solidariedade entre as diferentes nações através da língua local. Observemos, na canção “a mutxado”:

“mama (hi lembe wane)
ni mana (buiane uta kina)
(mama e mana venham dançar)
mamana wanga ungarile
(minha mãe não chora)
mana joana awatxata mama
(mana Joana está casar)
sula minlhoté"
(limpa as lágrimas)
(Neyma Alfredo, 2017).

Este excerto acima da canção “a mutxado” recupera a temática de casamento, caracterizada como uma convivência tradicional e tipicamente da cultura changana. Através da língua é perceptível a subjacente representatividade da cultura, onde o “eu lírico” enfatiza que o casamento é o momento de alegria, de união e de evolução.

Vejamos na canção, subsequente:

“U feBILE a kama wakungwala
(Chegou o tempo da sementeira)
Ahi fambeni hiyangwala
(Vamos plantar)
Oh oh vanuva mina fulani a ni tsava
(Oh oh minha gente abram os celeiros)
Ahi fambeni xitsunguxa mina
(vamos meu marido)
Hi yambe ni instrume
(Fazer instrume)
Tsika au lolo”
(deixa de preguiça)
(Neyma Alfredo, 2011).

Em “ahi dzimeni” dá-se a primazia a língua local, sendo a canção composta na língua changana, a mesma intitulada “ahi dzimeni” que equivale a “vamos cultivar”. Reside na canção a valorização da época de preparação e cuidados perante a terra em diversidades que existem em diferentes fins, onde o agricultor prioriza a produtividade.

E, em tempos como estes, o agricultor prepara o suporte para fixar os hábitos e práticas alimentares. E nestas dinâmicas de produção dos vários domínios da vida social, que ocorrem nesta canção, por meio de vivências e experiências- orientam também os processos de construção da identidade e que contribuem para a conservação da herança cultural.

Nos excertos acima percebemos o uso de termos da língua changana, uma língua bantu falada no sul de Moçambique. Tais construções nos remetem ao universo popular e cultural desses povos, demonstrando algumas crenças típicas do espaço rural. Parte construtiva da nossa identidade, a língua materializada pelas palavras e pela escrita ou pelo sinal, é, por sua vez, imbuída de reflexos de nossas experiências e vivências inseridas em contexto da cultura. A língua só faz sentido quando estiver relacionada à cultura. No entanto, os excertos nos

relevam que os africanos buscam formas de resistir às imposições dos europeus, lutando sempre pelos direitos de assumir a sua identidade, a sua africanidade/moçambicanidade.

De acordo com Mendonça (2021), na construção da identidade nacional, os artistas utilizam estratégias como adoção das línguas locais, conexões com os gêneros musicais tradicionais e abordagem de temas sobre a cultura moçambicana que carregam em sua forma as características identitárias do ser que a utiliza, que exprimem uma identidade moçambicana. Pode-se entender que se sublinha o uso de línguas bantu como forma de resistência; ao comunicar em língua bantu é uma forma de recusa da identidade colonizadora. Através das línguas locais, o povo adequa os seus valores e hábitos ao dialogar com as identidades de origem. A linguagem e o ritmo mantêm as características marcantes na cultura moçambicana, de criar a partir do nada. Portanto, entendemos que a comunicação em línguas bantu aproxima o grupo das gerações mais velhas e valoriza a diversidade étnica do país.

Segundo Bagno (2011), defende que a língua é o resultado de um processo histórico e cultural. Assim, a língua expressa pelos falantes através da sua oralidade ou escrita condensa as experiências e os contextos pelos quais ela passou; são esses processos que dão origem a sua forma de falar, que também é fluida e vai se alterando ao longo dos tempos. A língua é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para expressão de ideias, valores e sentimentos (Chauí, 2000). Assim, Neyma recorre a língua enquanto sinais ou signos figurativos, aqueles que têm característica do seu referente e são susceptíveis de serem manipulados para expressar a sua cultura.

3.2 A Representação da identidade cultural Moçambicana através do ritmo musical

Nas canções de Neyma revela-se a dimensão da representação da identidade cultural Moçambicana através do ritmo musical, o estilo que automaticamente costuma ser associado a identidade do país. Demonstra-se nesta parte da canção *marrabenta*:

“Amarra capulana, ouve a melodia
Eu sou moçambicana, sente esta alegria
Entra nesta dança, aqui ninguém aguenta
Eu sou de Moçambique, esta é a *marrabenta*”
(Neyma Alfredo, 2012).

Neste trecho, a *marrabenta* é um ritmo executado com os instrumentos musicais convencionais da música popular massificada a nível mundial: guitarras, teclados e

instrumentos de sopro. Em sua grande maioria, as canções são executadas nas línguas nacionais e na zona sul do país, principalmente, o Changana e o Ronga.

Na canção, o “eu lírico” convida aos demais para a dança; é desta forma que a marrabenta é tipicamente música-dança. O eu lírico diz que “amarra a capulana, aqui ninguém aguenta”, elevando o género marrabenta como irresistível a todos. Neste trecho musical é perceptível que a valorização da nacionalidade pela artista não se dá unicamente em níveis da identidade moçambicana, também a glória da exaltação do continente africano.

Podemos perceber que o uso da capulana é repleto de valores simbólicos que reflecte a vida do povo moçambicano. Como um fundamento social, a capulana faz parte da construção identitária do povo moçambicano, quanto no sentido de «pertencimento» do ser africano.

“Como anima, como anima
Como anima, como anima
Como anima, como anima
Como anima, como anima”
(Neyma Alfredo, 2012)

Neste trecho da letra com ciclo de anáforas, o eu lírico faz a marcação da repetição de como a marrabenta anima, também faz a demonstração de como o ritmo musical marrabenta estimula através do ritmo a expressão da identidade, da estratificação social, na aproximação dos africanos aos ancestrais, sobretudo em contextos rurais e tradicionais. De acordo com a teoria folclórica a Marrabenta é um pouco de todas as manifestações culturais, ou seja, o encontro de diferentes culturas, uma dança que traduz muitos em outros múltiplos; também é o legado moçambicano que lembra o mundo que a cultura é dinâmica e tem o poder de transformar-se. (Amosse & Subuhana, 2023). Segundo o escritor moçambicano José Craveirinha (1922-2003), marrabenta vem da amálgama de muitos ritmos do Norte, Centro e Sul da província de Moçambique, vertida sobre uma base étnico linguística ronga, possivelmente construída sobre o ritmo *ntfenha*.

A marrabenta é o principal ritmo musical de Moçambique, bem no coração da sua identidade, ritmo urbano; a sua utilização deve as pessoas urbanizadas que, distantes do seu meio social e cultural e sujeitos a influências da cultura ocidental, criaram este ritmo, pegando noutros já existentes como magika, xingombela e zukuta. Ela incorporou vários ritmos folclóricos-é o produto de mistura cultural dos povos do sul de save e a dinâmica sociocultural. O ritmo

musical adquiriu a capacidade de se afirmar como referência da cultura moçambicana como um todo, tal como ocorre com a música popular em outros quadrantes do mundo.

A disputa pela paternidade tornou-se um dos principais focos do debate sobre a cultura nacional. No entanto, a adjectivação do ritmo como o que rebenta, virando tradição, as pessoas nunca mais pararam de dizer marrabenta a partir da qual passou a designar um ritmo musical. Portanto, a marrabenta surgiu do improviso e da criatividade artística local, enquanto processo cultural histórico. Na perspectiva Simbólica de a marrabenta é um género musical que representa a imagem do país, como um ícone facilmente identificável. (Wane, 2016). Quando se faz uma associação directa entre “Marrabenta” e “Moçambique” estamos no plano daquilo que caracteriza como a representação social que, por sua vez, geram universos simbólicos, ou seja, produtos sociais que têm uma história. Se quisermos entender o seu significado, temos que entender a história de sua produção.

3.3. A representação da identidade cultural moçambicana através da capulana

Na canção de Neyma Alfredo percebemos a representação da identidade cultural moçambicana através da capulana. Observemos neste excerto extraído da canção “anima marrabenta”:

“Amarra capulana, ouve a melodia
Eu sou moçambicana, sente esta alegria
Entra nesta dança, aqui ninguém aguenta
Eu sou de Moçambique, esta é a amarrabenta”
(Neyma Alfredo, 2012).

Neste extracto, há uma forte demonstração da identidade moçambicana. O eu lírico na canção apresenta-nos o orgulho de ser moçambicana, através da capulana que é tida como um pano que tradicionalmente é usada pelas mulheres africanas para cingir o corpo, e por vezes a cabeça, fazendo também saia; o uso vai além da moda- _carrega consigo a difusão da educação e a representação do poder, fazendo a demonstração da identidade cultural. Manifesta-se a partir da música, dança e o jeito de vestir, fundindo-se elementos do povo moçambicano.

O sujeito chama atenção na escuta da melodia e no uso da capulana como um elemento culturais pelos quais o indivíduo moçambicano pode ser facilmente identificado. Deste modo, a capulana evidencia-se como um dos traços de uma cultura e o modo de ser em

Moçambique. Na compreensão da identidade, o eu lírico constrói um processo de interacção com o outro. Podemos perceber que para além de uma identidade moçambicana, a capulana é sinónimo de representatividade do ser africano cultural e com padrões variáveis. Um material para toda mulher moçambicana, usada para manter o corpo da mulher mais respeitado, transmitido das gerações antigas às novas. É vista como algo que transporta valores culturais moçambicanos, é um elemento de representação da cultura local, nação, grupos distintos e transmite vários significados dos hábitos e costumes das populações.

Na teoria histórica, defendida por Campos (s/d), a construção da capulana como representação da identidade na população de Moçambique, é herança das relações comerciais que se estabelecem com os povos asiáticos e árabes, posteriormente a chegada aos europeus. O comércio colonial em Moçambique tinha como moeda de troca o ouro e o marfim. Em contrapartida, os comerciantes estrangeiros traziam o pano e a missanga. Foi nesse processo de troca que o tecido tornou-se uma vestimenta importante na cultura moçambicana.

Entretanto, além de se tornar a base da vestimenta tradicional dessas regiões, o tecido mostra também o processo de mudança nas sociedades africanas e moçambicana. Foi incorporada ao uso quotidiano pelas mulheres moçambicanas, sendo vestida nos eventos sociais como elemento tradicional e para reforçar o teor cultural. Nas datas festivas, utilizam principalmente as de cores fortes e amarram-nas com um "mucume". Nas ocasiões fúnebres, as capulanas são em cores escuras e o "mucume" não é amarrado e sim utilizado como uma coberta. Com isso, a capulana torna-se grande e encobre todo o corpo.

A capulana, com os diferentes usos quotidianos—, torna-se um adereço tradicional, adquiriu diversos significados a ela atrelados ao longo do tempo de tal maneira que se tornou num elemento de representação da cultura local. Ela representa hoje, através de suas cores, usos e estampas, a nação e grupos distintos transmitem os vários significativos dos hábitos e costumes das populações locais; construiu-se um conjunto de referências que ocupam um lugar central na política de identidade de Moçambique. Os regimes de representação são dependentes das identidades sociais e de grupos que as produzem. A identidade é algo construído no processo contínuo, formada na interacção entre o sujeito e a sociedade. O uso de objectos, como a capulana, serve como manifestação desses valores, ou seja, torna-se um elemento de representação.

Na cultura moçambicana, na memória e na oralidade a representação requer reconhecimento, utilização de formas de dominação simbólica e a hierarquização da própria estrutura social.

Isso se dá através da tradição. As mulheres mais velhas ensinam às mais novas sobre o papel e o significado da roupa africana. O principal aprendizado é que devem levar pelo menos uma capulana ao sair à rua, pois podem acontecer alguns imprevistos, demandando a necessidade de utilizá-la. Essa educação das mulheres que recebem na tradição fortalece a identidade dos grupos e do país.

De acordo com a teoria simbólica a capulana tem sido a base da indumentária das mulheres, dos homens e das crianças “africanas”. A capulana é um factor de identidade para os povos africanos. Este pano é designado em diferentes países da África, da ganga, do Congo ou mesmo de pano africano. (Macuácuá, 2017),

A capulana tem um forte conceito tradicional no mercado, e as pessoas vão atribuindo nomes recorrendo ao dialecto de acordo com os desenhos ilustrados nos padrões. A capulana é um material para toda mulher moçambicana; é usada para manter o corpo da mulher mais respeitado, em determinados lugares para onde ela se desloca. Traz memórias do passado para o presente através das suas cores, transmite esses mesmos acontecimentos às novas gerações. É vista veículo de valores culturais moçambicanos.

Esta transmissão acontece em várias formas (a capulana pode trazer memórias do passado para o presente, quando se trata de uma capulana que carregou o seu filho, a capulana que casou a sua filha, que carregou a colheita)- elas retratam esses acontecimentos às novas gerações que passaram ou tiveram um familiar que fez parte deste processo. As capulanas também comportam ilustrações de figuras artísticas, religiosas, florestais, entre outras trazem memórias culturais.

A verdade é que, pela sua vasta combinação cromática e formal, as capulanas acabam por ser uma voz silenciosa mas visível nas esferas sociais, políticas e individuais de Moçambique, suportando um simbolismo que é lido localmente, através das suas cores, dos seus usos e das suas estampas. As capulanas representam a nação, grupos distintos ou regiões, e são um instrumento de negociação que transmitem significados de hábitos e costumes, revelando-se símbolo de riqueza ou demonstrando intenções, reflectindo os acontecimentos sociais ou históricos.

4. Conclusão

O trabalho tinha como tema “A Representação da Identidade Cultural em Neyma Alfredo”. O nosso objectivo geral era de compreender a representação da identidade cultural moçambicana nas canções “a mutxado”, “anima marrabenta” e “ahi dzimeni” de Neyma Alfredo.

Após a análise e interpretação dos dados, podemos entender que a representação da identidade cultural moçambicana nas três canções revela-se através da língua local usada, no ritmo musical e da capulana como identidade cultural moçambicana. Da análise, demonstramos que a representação da identidade cultural moçambicana em Neyma Alfredo caracteriza-se nas formas de manifestar a cultura em aspectos de pertença culturais, raciais, religiosos e linguísticos.

Neste sentido, Neyma Alfredo revela-nos que a capulana representa culturalmente os moçambicanos e, também, é um elemento indispensável na conquista do respeito social, de tal forma que apesar das influências das tendências globais, os moçambicanos continuam a dizer publicamente que a melhor indumentária moçambicana é a capulana. Ela aproxima, une e eleva o sentimento de pertença - e cada geração reinventa-se.

Em suma, entendemos que a identidade cultural moçambicana parte de um processo de transmissão de valores que respeita as diferenças, transformando acções individuais ou colectivas em benefício da construção de um ser humano integrado a um processo social.

4.1.Recomendações

Cremos que este assunto não foi acabado, visto que há ainda muita coisa a ser explorada no que concerne às canções de Neyma Alfredo. Nisto, sugere-se leituras intertextuais entre música e literatura produzidas em Moçambique. Esperamos que os futuros trabalhos olhem para essa temática em outras vertentes e domínios de expressão artística, como por exemplo um estudo comparado entre literatura e a pintura, buscando sempre elementos de alteridade.

5.Referências Bibliográficas

5.1 Bibliografia activa

ALFREDO, Neyma. (2011). ahidzimeni.

ALFREDO, Neyma. (2012). Como anima Marrabenta.

ALFREDO, Neyma. (2017). Amutxado.

5.2 Bibliografia Passiva

AGUIAR, V., & SILVA, M. (2018). *Teoria da Literatura* (8ª ed.). Lisboa: Universidade de Coimbra.

AMOSSE, C. &. (10 de Setembro de 2023). *A dança marrabenta como um dos símbolos da identidade Cultural do povo shona e bitonga no sul de moçambique. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira*, pp. 4-11.

ANDRÉ, J. (2016). *Reflexão sobre factores de integração rejeição social no uso da capulana*. (R. d. campo, Ed.) Maputo: Instituto de investigação sociocultural.

BAGNO, M. (2011). *O que é língua? imaginário, ciência e hipóteses*. In X. LAGARES, & M. BAGNO, *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. (pp. p.355-387.). São Paulo: Parábola Editorial.

CAMPOS, C. (SD). *Capulana, representação e identidade da população em Moçambique. Design de Moda (Ulbra/RS)*, (p. 4_6).

CASTELLS, M. (1997). *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. (L. & Espanha, Trad.) Fundação Calouste Gulbenkian.

Chaui, M. (2000). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática,.

COUTO, M. (2011). *A fronteira da Cultura*.

HALL, S. (*identidade cultural nos pós – modernidade*). A (11 ed.). (T. T. Louro, Trad.) Rio de Janeiro.

LARANJEIRA, R. (2014). *A marrabenta sua evolução e estilização*. Maputo: Minerva print.

- LITSURE, H. (2020). *A identidade tsonga-changana no contexto da identidade* . Lisboa: Universidade de Lisboa,.
- LUVIZOTTO, C. (2010). *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia* [online]. *Cultura Acadêmica*, p. 140.
- MACUÁCUA, H. (2017). *Análise simbólica redesign da capulana em Moçambique*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- MENDONÇA, F. (2021). *A cultura estava influenciada pelo idioma inglês”: a construção da identidade nacional no rap de Moçambique»*,. e- cadernos CES (online), pp. 36-38.
- PEGANINI, M. (S/D). *Literatura e Representação da Identidade Cultural: Reflexão sobre o ensino de leitura da representacao*. pp. 2-5.
- REIS, C., & LOPES, A. (Dicionário de narratologia). 2000. Lisboa.: Universidade de Coimbra;.
- RODRIGUES, J. (2006.). *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro.: Fiocruz.
- SILVA, K., & SILVA, M. (2006). *Dicionario de conceitos históricos*. Sao Paulo: Contexto.
- SOUSA, V. (22 de Outubro de 2021). *Identidade e Cultura. As identidades culturais num Mundo Globalizado*, A. *Culturas e Turismo*, 2-11.

Anexos:

Anexo1

A Mutxado

Coro

A mutxado(hiilembe wane)

eheeeii(hi lembe wane)

mama (hilembewane)

ni mana (buiane u ta kina)

mamana wangaungarile

Mana joana awatxata mama

sula minlhoté

tsaca na hiné

buiane na nwiiné

himbelela ni kulunguané

sula minlhoté

tsaca na hiné

buiane na nwiiné

himbelela ni kulunguané

oh minha mãe, oh não chora

Casamento é alegria, mama não chora

sula minlhoté

tsaca na hiné

buiane na nwiiné

himbelela ni kulunguané

sula minlhoté

tsaca na hiné

buiane na nwiiné

himbelela ni kulunguané

Coro

A mutxado(hi lembe wane)

Ehe eeii (hi lembe wane)

Mama (hi lembe wane)

ni mana (buiane uta kina)

baba baba baba heeee

Nana nana nana heeem

Olha o fatigaru, fatigaru, fatigaru

Olha o farutema, farutema, farutema

Olha da-lhe daqui, da-lhe daqui, da-lhe

Teki na iwemhiiwe, teki na iwe.

A mutxado(hii lembe wane)

eheeeii(hi lembe wane)

Mama (hi lembe wane)

ni mana (buiane u ta kina)

Anexo 2

Anima Marrabenta

Tsaa tsaa tsaa

Tsaa tsaa

tsaa! Tsaa ! tsaa! tsaa!

Tsaa tsaa

E so djingui ski dji

Djingujsjidji

Djingui ski dji

Amarra capulana, ouve a melodia

Eu sou moçambicana, sente esta alegria

Entra nesta dança, aqui ninguém aguenta

Eu sou de Moçambique, esta é a
amarrabenta

Coro

Como anima a marrabenta!

Como anima a marrabenta!

Como anima a marrabenta!

!

Como anima a marrabenta!

A marrabenta anima a Neyma

A neyma anima a marrabenta

A marrabenta anima a neyma

A neyma anima a marrabenta

E so djingui ski dji

Djingui ski dji

Djingui ski dji

Devu teka teka famba!

Como anima, como anima

Como anima, como anima

Como anima, como anima

Como anima, como anima

Eba, eba!

teko! teko! teko ! teko!

teka! teko! teko!

khoma! khoma! khoma! khoma

Vem luz verde da esperança nos aguarda.
(4x)

Anexo 3

Ahi dzimeni

U fekilo a kama wako hgwala

Hiya ngwala

Oh oh vanova mina pfulani a ni tsava

Ahi fambeni xitsunguxa mina

Hiyambeaxitrumi

Tsika hulolo

A misa vakukulo wakoni a dzongo

Nkoma axi kamo xitsungoxa mina

Utahi kuma hiku nhimeleli

Koma wa mutorotori nuna wa mina

U felilo kama

Pfulani a tsava

Vanava mina teka ni anugwalo

Mba hi ya gwalu

Fudelani aku lunguseka misava

A mudzuku mutave va rimesa

Hulo a tiko leli va lavaku.

Teka

Vem luz verde da esperança nos

Aguarda